

WERNECK. Silvia Muniz. Teatro Colaborativo: O processo aplicado na escola pública do Município do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; Mestranda; Professora Orientadora: Elza de Andrade. Atriz.

INTRODUÇÃO

A abertura da escola para o ensino do teatro tem um percurso relativamente recente, e coincide com as transformações educacionais as quais caracterizam o século XX em várias partes do mundo. A mudança radical que deslocou o foco de atenção da educação tradicional, centrado apenas na transmissão de conteúdos, para o processo de aprendizagem do aluno também ocorreu no âmbito do ensino do teatro.

O teatro é importante para a educação porque ele trabalha com atitudes instintivas e impulsivas, com a criatividade e o relacionamento com o mundo exterior, e isso é a raiz de toda a atividade educacional.

O ensino das Artes, mais especificamente o Teatro, precisa torna-se mais acessível e democrático. Não podemos deixá-lo restrito apenas a uma educação elitista e burguesa. Ainda contamos com um número reduzido de profissionais capacitados nessa área e muitas são as escolas que não possuem nenhuma modalidade de artes (artes visuais, teatro, dança ou música) e as que possuem corpo docente não atendem toda a demanda de turmas que a escola possui. De acordo com Brecht:

É uma opinião antiga e fundamental que uma obra de arte deve influenciar todas as pessoas, independentemente da idade, status ou educação [...] todas as pessoas podem entender e sentir prazer com uma obra de arte porque todas tem algo de artístico dentro de si [...] existem muitos artistas dispostos a não fazer arte apenas para um pequeno círculo de iniciados, que querem criar para o povo. Isso soa democrático, mas na minha opinião não é democrático. Democrático é transformar o pequeno círculo de iniciados em um grande círculo de iniciados. Pois a arte necessita de conhecimento. A observação da arte só poderá levar a um prazer verdadeiro se houver uma arte da observação. (KOUDELA, 2011, p18)

A opinião de Brecht sobre a democratização das Artes ainda é extremamente relevante nos dias de hoje. Pouco mudou: As artes são feitas por um grupo seletivo e para um grupo seletivo. Quem a faz e a consome fica restrito a uma pequena camada da sociedade, a dita privilegiada.

O TEATRO COLABORATIVO NA SALA DE AULA

Além da falta de um quantitativo expressivo para mudar esse quadro e tornar o ensino do Teatro mais acessível, temos ainda outro agravante. Precisamos pensar na pedagogia desse teatro que é aplicado em sala de aula.

O que vemos atualmente ainda é o teatro na escola condicionado para uma única finalidade, as apresentações. Essa não é a sua única função: Em que os alunos apresentam uma peça previamente ensaiada para os pais e professores. Dessa maneira, esquecemos e atropelamos um dos pontos mais

importantes nesse fazer, que é o processo. O produto final não pode ser mais importante do que o que se vivencia na sala de aula, durante todo o ano letivo.

Nós, professores precisamos estar atentos às novas mudanças que vem surgindo. Nos novos conceitos que estão do lado de fora dos muros das escolas. Afinal o teatro na escola não pode ficar apenas na mimese, na imitação e na representação de algo que tende a não se tornar orgânico. O que acontece no teatro profissional precisa ser levado em consideração pelo professor de teatro também. É fundamental estar aberto para essas novas mudanças que vem acontecendo e apresentá-las em sala de aula.

A realidade do novo teatro começa com o desaparecimento do triângulo drama/ação/imitação. E a montagem do espetáculo não é mais o objetivo principal. É preciso inserir os alunos/atores em um processo criação. E o teatro colaborativo nos abre esse caminho:

Tal dinâmica se fôssemos defini-la sucintamente, constitui-se numa metodologia de criação em que todos os integrantes, a partir de suas funções artísticas específicas, têm igual espaço propositivo, trabalhando sem hierarquias – ou com hierarquias móveis, a depender do momento do processo – e produzindo uma obra cuja autoria é compartilhada por todos. (ARAÚJO, 2002, p.127)

Devemos levar para a sala de aula um trabalho que de fato traga investigações produzidas pelo grupo e não apenas resoluções já prontas e concluídas pelo professor. Assim, o trabalho se tornará mais rico, pois será a realidade deles discutida no palco, criando assim uma colcha de retalhos.

O conceito criado por Brecht em 1920 da peça didática é a raiz do teatro colaborativo. Na peça didática quem aprende é quem joga e participa. Brecht torna-se assim um grande estimulador do teatro pós-dramático.

Nas demonstrações públicas com a peça didática, Brecht não está preocupado com o espetáculo teatral, com a comunicação entre palco e platéia. “A peça didática ensina quando nela atuamos. Em principio não há necessidade de platéia, embora ela possa ser utilizada.” (Brecht, in Koudela, 1991, p.40).

Segundo nos traz Lehmann nas suas definições do pós – dramático é através da vivencia da cena que o artista terá autonomia para criar e poderá se desprender dos grilhões que o texto dramático possuiu. Na linguagem cênica contemporânea, o texto passa para uma função secundária, tornando-se apenas material de composição. Vejamos:

No teatro pós-dramático, o que se observa é “mais presença que representação, mais experiência partilhada do que experiência transmitida, mais processo do que resultado, mas manifestação do que significação, mais impulsão de energia do que informação”. (PUPO, 2010, p.224)

A idéia é trabalhar a autonomia e criatividade desse aluno liberando todo o seu potencial. A vida dele fornece um material rico como recurso, que pode e deve ser investigado. É a experiência do aluno que vai levá-lo a um crescimento, modificando assim o meio e o meio o modificando. Tanto recursos internos, emocionais, como recursos externos que surgirá da interação entre os alunos, do espaço e das circunstancias que irão surgir. Através de texto,

imagens, músicas, jogos ele se colocará e se tornará protagonista de sua própria história.

Em seu livro “Teatro do oprimido e outras poéticas políticas” Boal nos diz que o dever do artista não é o de mostrar como são as coisas verdadeiras e sim o de mostrar como verdadeiramente são as coisas.

Nosso aluno será esse artista capaz de mostrar o que de fato o atinge, o provoca e o torna parte importante desta sociedade. Boal ainda faz dois questionamentos: “Como fazê-lo?” “E para quem fazê-lo?” E deixa a cargo de Brecht a explicação:

Nós, filhos de uma época científica, temos que assumir uma posição crítica diante do mundo. Diante de um rio, nossa atitude crítica consiste no seu aproveitamento; diante de uma árvore frutífera, em enxertá-la; diante do movimento, nossa atitude crítica consiste em construir veículos e aviões; diante da sociedade, em fazer a revolução. Nossas representações da vida social devem estar destinadas aos técnicos fluviais, aos cuidadores das árvores, aos construtores de veículos e aos revolucionários. Nós os convidamos para que venham aos nossos teatros e lhes pedimos que não se esqueçam de suas ocupações (alegres ocupações), para que nos seja possível entregar o mundo e nossa visão do mundo às suas mentes e aos seus corações, para que eles modifiquem o mundo ao seu critério. (BOAL, 2012, p.170)

No processo de Teatro Colaborativo, nosso aluno terá de se confrontar a todo o momento, objetivamente ou subjetivamente com essas questões: “Como eu me movimento? Quais são meus códigos? O que é cultura? Nos ombros de quem estamos apoiados?”, para que se construa algo com identidade, algo que faça parte da realidade em que vivem. É um olhar para dentro de si, para o próprio umbigo.

Afinal, ele não apenas criará o texto a ser encenado, mas participará de todas as etapas de criação de um espetáculo. Será um teatro de dramaturgia coletiva, de encenação coletiva, de criação de cenário, luz e figurinos realizada conjuntamente por todos os integrantes do grupo. Vejamos:

A história não é preestabelecida pelos atores no início; é, ao contrário, descoberta pelo grupo através dos ensaios. No colaborativo, o foco de criação não está em ideias preconcebidas ou em uma dramaturgia escrita já existente, mas na criação, por parte do grupo de atores, de um espetáculo a partir de suas próprias experiências. O processo colaborativo é relativo a criar um espetáculo através de improvisação, desconsiderando a tradição de supremacia do texto e a de narrativa linear de causa e efeito. (DUNDJEROVICÉ, 2007, p.155)

No processo colaborativo a autoria é compartilhada por todos. Apesar disso, a figura do professor continua a ser fundamental e importante em todo o processo. Ele assumirá várias funções, como a de encenador e dramaturgo. E seu trabalho terá ainda importância maior, porque o material com o qual irá trabalhar é muito mais rico e desafiador do que um texto ou situações que não

fazem parte do contexto social dos envolvidos. É ele quem tem condições de perceber falhas e lacunas, e redimi-las. No processo colaborativo, o professor é um dos principais responsáveis pela seleção do material.

Num processo de criação partilhada não há muito espaço para “minha cena”, “meu texto”, “minha idéia”. Tudo é jogado numa arena comum e examinado, confrontado e debatido até o estabelecimento de um “acordo” entre os criadores. É claro que esse acordo não significa reduzir a criação ao senso comum, nem transformar o vigor da criação artística num acordo de cavalheiros. É um acordo tenso, precário, sujeito, muitas vezes, a constantes reavaliações durante o percurso. Confrontação (de idéias e material criativo) e acordo são pedras angulares no processo colaborativo. (ABREU, 2004, p. 3)

Fazer teatro colaborativo é um risco. E ainda mais em uma escola pública, onde sabemos de seus limites e precariedades. Mas ao mesmo tempo é nessa atmosfera de riscos, limites e precariedades que vemos brotar algo novo, criativo e que chega a dialogar com o próximo. Bogart em seu livro, “A preparação do Diretor”, aborda a questão da criação no limite e na corda bamba e da necessidade da violência no ato criativo.

Articular-se diante das limitações: é aí que a violência se instala. Esse ato de violência necessária, que de início parece limitar a liberdade e diminuir as opções, por sua vez traz muitas alternativas e exige do ator uma noção de liberdade mais profunda. (BOGART, 2011, P.53)

A idéia de um teatro colaborativo levado para a sala de aula de uma escola pública é essa: aceitar o risco e trabalhar sempre sobre limite, sobre pressão. Pressão de acertar, pressão do tempo que está se esgotando, pressão do seu enquadramento diante do espaço que irá acontecer a apresentação, pressão da falta de um espaço para a apresentação... É trabalhar. É aventurar-se. Afinal, ter segurança e se sentir seguro não desperta as reais emoções de que tanto necessitamos para criar.

No processo criativo não cabe ao professor/diretor interferir no momento de criação dos alunos e lhes entregar o fruto sem que antes eles saibam como plantá-lo. Nossa função é criar possibilidades e circunstâncias para que os alunos desenvolvam.

O professor/Diretor, deve evitar a ansiedade e deixar que o aluno lhe traga o material para que ele possa trabalhar. Dar tempo e espaço para a livre criação. Planejar de antemão a aula/ensaio que vai ser dada é importante. Mas não se pode querer prever tudo. Ter a percepção de deixar o imprevisível chegar e tomar conta faz parte de um processo criativo mais rico.

Nessa perspectiva, é possível pensar no ensino crítico do teatro, que deve estar centrado na cultura popular e desenvolver estratégias curriculares baseadas na formação da subjetividade do estudante a fim de recuperar a sua história, formando cidadãos críticos e aptos para tomar decisões diante de problemas diários.

A prática pedagógica do ensino do teatro deve oferecer uma visão crítica. Ele deve ter sua própria opinião e a partir de novas informações, formular sua própria idéia. Quem tem a oportunidade de fazer teatro aprimora sua visão do meio e de como lidar com o próximo.

CONCLUSÃO

Precisamos pensar no campo das possibilidades, afinal, estamos fazendo teatro na sala de aula, em uma rede de ensino público. Por isso acredito no teatro colaborativo: Trabalharemos com esse arsenal que permeia a vida desse aluno, quebrando com essa falta de identidade, de liberdade de expressão e dependência cultural.

O teatro na escola é acima de tudo um instrumento de aprendizagem. Como se pode perceber dentro deste estudo, esse tipo de técnica difere do teatro dramático, ao qual estamos acostumados, pois não tem, obrigatoriamente, objetivo de promover espetáculo, nem tão pouco formar artistas. O trabalho cênico deve consistir em fazer com que o aluno saiba resolver conflitos relacionados ao ambiente escolar e, por conseqüência, ao social. Dessa maneira, temos no teatro colaborativo uma pedagogia teatral mais rica:

Enquanto o teatro dramático tem como modelo a criação de uma ilusão, a representação de um “cosmos fictício”, o teatro pós-dramático se insere numa dinâmica de transgressão dos gêneros e abre perspectivas para além do drama. Ao invés de se traduzir em ação, ele se situa sobretudo na esfera da situação. (GUINSBURG; FERNANDES, 2010, p. 223)

No dinamismo da experimentação, da fluência criativa propiciada pela liberdade e segurança, o aluno poderá transitar livremente por todas as emergências internas, integrando imaginação, percepção, emoção, intuição, memória e raciocínio.

A idéia tradicional sobre a inteligência está mudando e rápido. Em nosso sistema educacional, a maior ênfase ainda incide sobre a aprendizagem da informação dos fatos. E a aprovação ou reprovação em qualquer exame depende do domínio ou da memorização de fragmentos de matérias. Mas essa capacidade para repetir fragmentos de informação que tanto valorizamos pode ter muito pouca relação com um ser humano bem sucedido dos novos tempos.

E é aí que o teatro se torna uma valiosa ferramenta de trabalho. O teatro em sala de aula reforça o currículo e melhora a capacidade dos jovens para a criatividade.

REFERENCIAL TEÓRICO

- ARAÚJO, Antonio. **A gênese da Vertigem: O processo de criação de ‘O Paraíso Perdido’**: O processo colaborativo no teatro da vertigem. São Paulo: USP, 2002.

- DUNDJEROVIC, Sasha A. **The Theatricality of Robert Lepage: Lepage's style: transformative mise-en-scène**". Tradução de Felipe Mitsuo Matsuo. Montreal: McGill-Queen's University Press, 2007.
- FERNANDES, Sílvia. **Teatralidades Contemporâneas**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- GUINSBURG, J e Fernandes, Sílvia. (org.). **O Pós – Dramático**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- LEHMANN, Hans-Thies. **Teatro pós – dramático**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- ABREU, Luis Alberto. **Processo Colaborativo: Relato e Reflexões sobre uma experiência de criação**. Cadernos da ELT, Santo André, número 2, 2004.
- KOUDELA, Ingrid Dormien. **Brecht na pós- modernidade**. São Paulo: Editora perspectiva, 2001.
- BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2012.